

ATIVOS	COTAÇÃO	% MÊS	% ANO
DÓLAR COMERCIAL	1,736	-5,34%	-18,69%
GLOBAL 40 (USD)	134,38	0,47%	1,32%
OURO - BM&F(grama)	47,50	7,95%	9,20%
IBRX-50	9.692	9,23%	50,26%
CDI *	11,09%	0,92%	9,97%
IBOVESPA	65.317	8,02%	46,86%
IRF-M BM&F	3.329,96	0,58%	10,26%
IGP-M		1,05%	5,16%

* taxa anual (252)

ATIVOS INT.	COTAÇÃO	% MÊS	% ANO
MSCI ALL COUNTRY	427,63	3,81%	16,27%
DOW JONES (NY)	13.930,00	0,25%	11,77%
S&P500 (NY)	1.549,38	1,48%	9,24%
NASDAQ (NY)	2.859,12	5,83%	18,38%
EUROSTOXX50€	4.489,79	2,47%	8,98%
FTSE (LONDRES)	6.721,60	3,94%	8,05%
NIKKEI (TÓQUIO)	16.737,60	-0,29%	-2,83%
MSCI EMERGING MARKETS	1.337,63	11,02%	46,56%
IBOVESPA (USD)	37.625,00	14,12%	80,63%
CRB (Commodity Index)	351,01	5,20%	14,24%
GOLD (onça)	793,20	6,53%	24,42%
PETRÓLEO (BRENT)	90,29	13,72%	50,13%
LIBOR 3 meses	4,89%	0,49%	4,65%

obs: rentabilidade em moeda local, com exceção do Ibovespa que foi convertido para o dólar.

MOEDAS	US\$	% MÊS**	% ANO**
YEN*	115,34	-0,42%	3,15%
1 EURO =	1,45	1,58%	9,73%
1 LIBRA =	2,08	1,62%	6,16%

* Cotações em Yen/USD e Yen/R\$

** em relação ao dólar

Outubro foi mais um mês positivo para os mercados de risco que, ainda influenciados pelo corte de juros do FED de setembro, seguiram apostando que o pior já havia passado. A Bovespa, novamente puxada pelas altas dos papéis mais líquidos (Petrobrás e Vale) encerrou o mês em primeiríssimo no ranking com uma alta de 8% (IBX-50 subiu 9,23%). O ouro (7,95%) ficou na vice-liderança em função de novas desvalorizações do dólar contra as principais moedas mundiais. O CDI ficou em terceiro com um rendimento de 0,92% e o IRF-M ficou em último com 0,58% (63% do CDI), reagindo à decisão do Banco Central de manter a Selic em 11,25%^{aa}.

Passado o primeiro susto da crise do "subprime" e com algumas decisões das autoridades já definidas, o mercado, e principalmente as próprias autoridades, adotaram uma postura de "esperar para ver". Fato que fica claro no comunicado do FED divulgado após a decisão de cortar os juros em 0,25%^{aa} (Fed Funds em 4,5%^{aa}), no qual as portas ficaram abertas para que as próximas decisões possam ser em qualquer sentido. Os dados econômicos divulgados ao longo do mês ainda não permitem que se conclua o quanto a economia dos EUA vai sofrer. Mas é fato que os bancos já sofrem com ajustes nos seus balanços e nas cúpulas administrativas. Já os resultados das empresas americanas no 3º trimestre vieram ligeiramente abaixo do esperado e, pela primeira vez em quase 5 anos, apontaram queda dos lucros em relação ao mesmo período do ano passado. Assim, fica cada vez mais evidente que a crise seguirá por um bom tempo e neste período será testada a difundida tese de que a economia global está descolada dos EUA. Será o resultado deste teste que ditará o rumo dos mercados globais no curto e médio prazo.

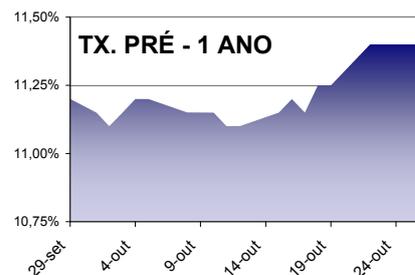
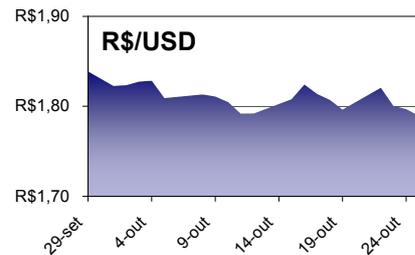
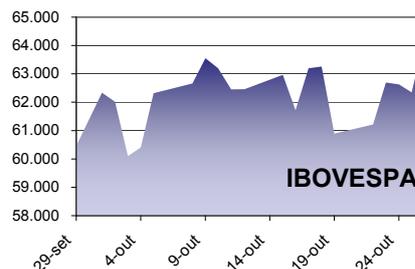
JUROS INT.	REND.	VAR. MÊS	VAR. ANO
RISCO BRASIL (EMBI)	1,64% ^{aa}	-0,13% ^{aa}	-0,29% ^{aa}
LIBOR ANO	4,64% ^{aa}	-0,26% ^{aa}	-0,69% ^{aa}
US TREASURY 2 ANOS	3,96% ^{aa}	-0,01% ^{aa}	-0,83% ^{aa}
US TREASURY 30 ANOS	4,75% ^{aa}	-0,08% ^{aa}	-0,07% ^{aa}

PERSPECTIVAS

Bolsa: Emerging Markets (EM) seguem recebendo montantes expressivos de recursos estrangeiros. Na Bovespa o fluxo tem sido capitaneado pelos IPOs. Catalisadores deste fluxo são a já conhecida tese dos EM e os bons fundamentos da maioria dos países do grupo. Dentro do segmento, o Brasil é um dos destaques porque o Ibovespa tem um ligeiro desconto para outros países e o investidor doméstico ainda tem pouco recurso em ações/fundos de renda-variável (IPOs de sucesso como o da Bovespa são excelentes para o marketing. Foram 64 mil pessoas que entraram na oferta e que rapidamente tiveram um bom lucro). Contudo, não podemos nos esquecer que duas das principais ações de nosso mercado são extremamente dependentes da economia mundial e que, caso a tese do descolamento da economia mundial contra os EUA não vingue, sofrerão e contaminarão toda a bolsa, principalmente as ações recentemente lançadas - que estão majoritariamente na mão de estrangeiros. Assim, não há motivo para mudarmos nossa visão. Seguimos recomendando cautela com os cenários de curto e médio prazo. Exposições devem estar bem ajustadas às políticas individuais.

Câmbio: o Banco Central voltou a comprar a moeda americana em outubro, que mesmo assim afundou e atingiu patamares não vistos desde março de 2000. Os fundamentos seguem falando mais alto, o que dá ainda mais confiança para que investidores façam apostas em favor do real. Somente uma forte mudança na economia global pode ter algum efeito mais duradouro no preço do dólar. Assim, veremos o dólar caindo ainda mais ou, na melhor das hipóteses, o veremos em estabilidade. Tudo dependerá do Banco Central, que pode ter algum interesse de curto prazo na queda da moeda americana como forma de ajudar a controlar a inflação. Valorização da moeda nacional não é uma exclusividade do Brasil (na verdade é um fenômeno visto em quase todos os países) e alguns têm tomado algumas medidas exóticas para controlar o valor da mesma. Esperamos que nenhuma destas estejam na cabeça de algum membro da heterogênea equipe econômica. Seria um retrocesso que mudaria completamente as premissas de investimento.

Juros: os números da inflação seguem preocupando as autoridades monetárias. O IPCA acumula alta de 4,15% em 12 meses, já o IGP-M +5,67%, isto num período em que o dólar perdeu cerca de 1/5 do seu valor. O crescimento de nossa economia, com a atividade e consumo em alta, reduz a capacidade ociosa das indústrias e tem sido um fator importante na alta da inflação. Entretanto, há outros fronts que também estão sob pressão, como o preço dos alimentos que tem subido acentuadamente em todo o mundo. Assim, só resta ao BC aguardar o arrefecimento das pressões antes de retomar o processo de redução dos juros. Com isto, as taxas pré-fixadas voltaram a subir e assim devem permanecer até que se tenham claros sinais de que o Copom poderá voltar a reduzir a taxa básica. Embora haja carregamento positivo para aplicações pré-fixadas (11,90%^{aa} no DI janeiro 10 x 11,25%^{aa} do CDI), acreditamos que ainda há algum espaço para novas altas nas taxas se o cenário externo piorar. Janeiro 10 ao redor de 12,00%^{aa} - 12,25%^{aa} parece ser um ponto interessante para os investidores com um pouco mais de apetite para o risco.



O único objetivo deste relatório é a prestação de informações a nossos clientes. Sob nenhuma circunstância isto deve ser considerado uma oferta de venda ou uma solicitação de compra de nenhum ativo financeiro ou fundo de investimento. Apesar das informações aqui contidas serem retiradas de fontes fidedignas, e posteriormente checadas, a Argumento não pode ser responsabilizada por eventuais erros na divulgação desses dados. Rentabilidade passada não é garantia de resultado futuro. Este documento não pode ser reproduzido ou publicado para qualquer propósito. Todos os direitos reservados. Copyright 2007.